

COMPREENDENDO A DINÂMICA DOS VETORES E O PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACOMETIDOS POR DENGUE EM SANTA CATARINA, BRASIL

Caroline Pereira Vieira | Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Tubarão | 10723113766@ulife.com.br; Marcella Silva Ribeiro | Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Tubarão | 1072020931@ulife.com.br; Geovana de Souza | Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Tubarão | 1072021056@ulife.com.br; Mariane Pereira Silva | Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Tubarão | 10722130077@ulife.com.br; Josiane Somariva Prophiro (Dra.) | Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Tubarão | josiane.prophiro@ulife.com.br;

RESUMO

A dengue, principal arbovirose epidêmica do Brasil, impacta especialmente regiões tropicais e subtropicais. Em Santa Catarina, fatores como clima favorável, urbanização e turismo contribuem para epidemias anuais desde 2014, com aumento de casos e óbitos. Este estudo ecológico analisou dados de 2013 a 2023, avaliando o perfil epidemiológico e a dinâmica dos vetores. Foram confirmados 149.970 casos de dengue, com maior incidência na macrorregional Norte, predominantemente em zonas urbanas (87,45%), entre adultos jovens (20-39 anos) e mulheres (51,95%). Minorias raciais e áreas menos desenvolvidas enfrentam riscos de subnotificação. A análise de vetores identificou imaturos de *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, com focos principais em imóveis comerciais e residenciais e depósitos como armadilhas e pequenos recipientes. Os resultados destacam a necessidade de intervenções direcionadas, políticas de inclusão e conscientização para controle vetorial e redução de impactos socioeconômicos.

PALAVRAS-CHAVE: Arbovirose; Dengue; Vetores.

INTRODUÇÃO

A Dengue é a principal arbovirose epidêmica do Brasil e a mais relevante doença viral decorrente de patógenos transmitidos por vetores no mundo, impactando, sobretudo, populações em áreas de risco, predominantes em países tropicais e subtropicais em desenvolvimento¹. A doença é causada por um dos cinco sorotipos do vírus DENV, transmitido pela picada de mosquitos do gênero *Aedes*². O principal meio de transmissão ocorre no ciclo urbano, quando mosquitos infectados adquirem

o vírus ao se alimentarem do sangue de indivíduos portadores de um dos sorotipos do DENV².

No contexto sul-americano, o Brasil é o país mais afetado, registrando o maior número de casos no continente e, conseqüentemente, os maiores prejuízos econômicos³. Em Santa Catarina, fatores geográficos e ambientais, como clima favorável à proliferação dos vetores, diversidade de ecossistemas e intensa urbanização, turismo e agricultura, contribuem para a ocorrência de arboviroses⁴⁻⁵. Desde 2014, o estado enfrenta epidemias anuais de dengue, acompanhadas por uma taxa crescente de óbitos⁶. Dessa forma, observa-se a necessidade de estudo aprofundado da dinâmica dos vetores e o perfil epidemiológico do estado.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo ecológico baseado em dados secundários cedidos pela Diretoria de Vigilância Epidemiológica de Santa Catarina (2013-2023) após solicitação oficial sob Parecer Consubstanciado nº 6.873.745 emitido pelo CEP-UNISUL após aprovação. Para avaliar o perfil epidemiológico dos acometidos por dengue foram utilizadas variáveis como faixa etária, escolaridade, raça, sexo, hospitalização e zona de residência. Para avaliar a dinâmica dos vetores foram utilizadas as categorias dentro das variáveis depósitos e imóveis de acordo com os boletins da DIVE. Mapas temáticos foram elaborados no QGIS.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Santa Catarina registrou 149.970 casos de dengue confirmados por exame. A macrorregional Norte apresentou maior número de casos (50.017), enquanto Serra Catarinense teve o menor (61). A maioria dos pacientes residia na zona urbana (87,45%), com predominância de brancos (79,3%). As faixas etárias mais afetadas foram 20-39 anos (33,7%) e 40-59 anos (30,7%) (Figura 1). Mulheres (51,95%) foram mais notificadas, e apenas 3,71% dos casos necessitaram de hospitalização, concentrados no Norte.

Entre 2013 e 2023, foram identificados 3.282.684 imaturos (larva ou pupa) de *Ae. aegypti* e 201.452 de *Ae. albopictus* em Santa Catarina. Foi observado o maior número de imóveis positivos (com presença de imaturos do gênero *Aedes*) nas categorias Comércio (n=124.099) e Residência (n=106.992), seguidas pelas categorias: Outros (n=54.985), Ponto Estratégico (n= 30.852) e Terreno Baldio (n=3.696). Já o maior número de depósitos positivos foi observado nas armadilhas instaladas pelos ACEs para vigilância dos vetores (n=231.058), seguido por pequenos depósitos móveis (n=32.129), lixos e sucatas (n=23.182), pneus e outros materiais rodantes (n=11.792), depósitos fixos (n=8.983), depósitos ao nível do solo para armazenamento doméstico (n=8.410), depósitos naturais (n=4.157) e caixas d'água elevadas (n=913).

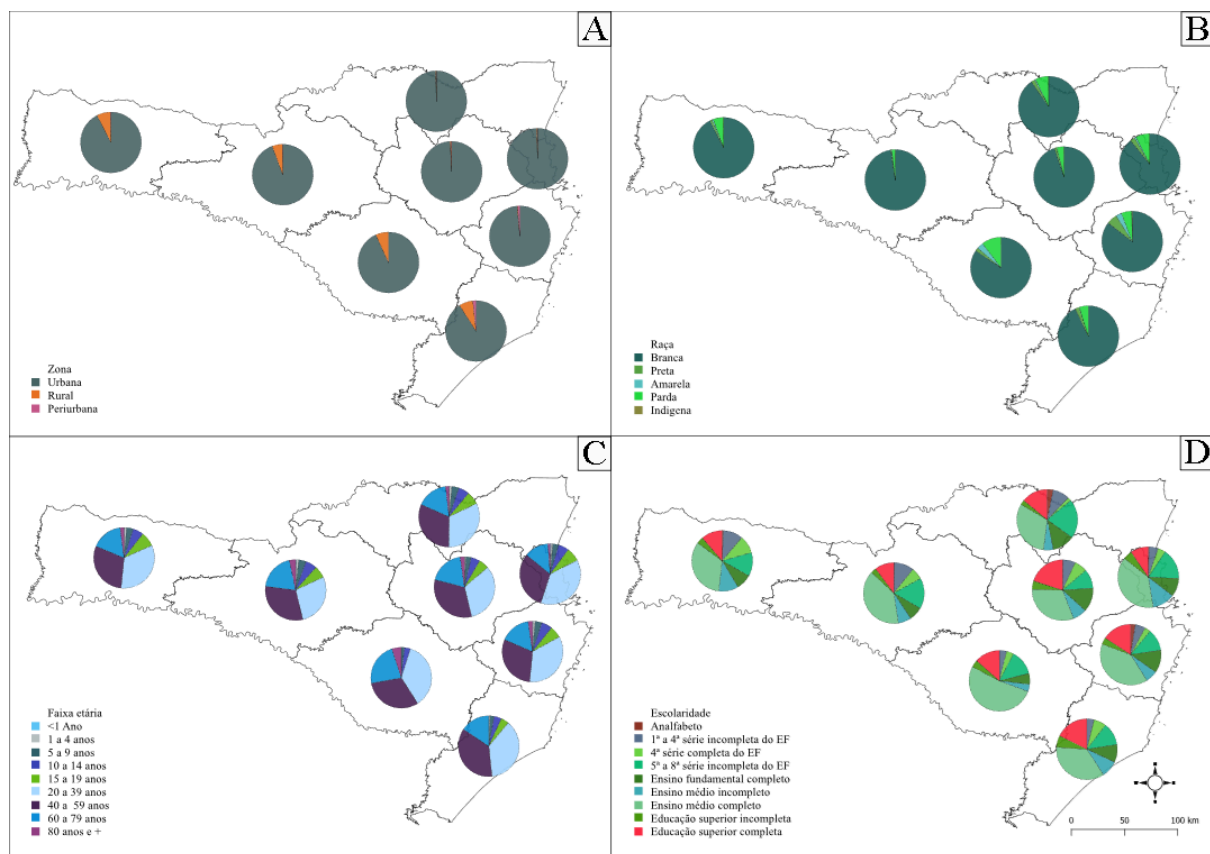


Figura 1. Distribuição espacial dos casos de dengue entre as Macrorregionais de Saúde de Santa Catarina dentro das variáveis socioeconômicas entre 2013 e 2023.

Os resultados revelam desigualdades regionais, sociais e raciais na distribuição da dengue. Regiões mais populosas e economicamente ativas registraram mais casos, enquanto minorias raciais e áreas menos desenvolvidas podem sofrer com subnotificação. A avaliação nos imóveis e depósitos evidencia a importância de

intervenções direcionadas às categorias específicas, como comércios e residências, para controle efetivo das populações de vetores. Políticas públicas devem focar em medidas de controle vetorial, educação sanitária e inclusão, especialmente para populações vulneráveis. A conscientização sobre a doença é essencial para conter sua dispersão e minimizar impactos socioeconômicos.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a análise dos dados de dengue em Santa Catarina entre 2013 e 2023 evidenciou padrões regionais e sociais que ressaltam a complexidade do enfrentamento à doença no estado. O elevado número de casos em regiões mais populosas e a prevalência em imóveis comerciais e residenciais destacam a necessidade de estratégias localizadas para controle dos vetores. Além disso, as disparidades socioeconômicas e raciais apontam para possíveis lacunas na notificação e no acesso às medidas de prevenção. Assim, políticas públicas integradas, que combinem ações de controle vetorial, educação em saúde e inclusão social, são fundamentais para reduzir a incidência da dengue e seus impactos na saúde coletiva e na economia regional.

REFERÊNCIAS

Lopes N, Nozawa C, Linhares REC. Características gerais e epidemiologia dos arbovírus emergentes no Brasil. Rev Pan-Amazônica Saúde [Internet]. 2014 Aug;5(3). Available from: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232014000300055&lng=pt&nrm=iso

Tuiskunen Bäck A, Lundkvist Å. Dengue viruses – an overview. Infect Ecol Epidemiol [Internet]. 2013 Jan 30;3(1):19839. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3402/iee.v3i0.19839>

Halasa YA, Zambrano B, Shepard DS, Dayan GH, Coudeville L. Economic Impact of Dengue Illness in the Americas. Am J Trop Med Hyg [Internet]. 2011 Feb 4;84(2):200–7. Available from: <https://ajtmh.org/doi/10.4269/ajtmh.2011.10-0503>

Monteiro MA. Caracterização climática do estado de Santa Catarina: uma abordagem dos principais sistemas atmosféricos que atuam durante o ano. Geosul. 2001;16(31):69–78.

Minuzzi RB. Tendências na variabilidade climática de Santa Catarina, Brasil. Rev Bras Eng Agrícola e Ambient [Internet]. 2010 Dec;14(12):1288–93. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-

Dalla Vecchia A, Beltrame V, D'Agostini FM. PANORAMA DA DENGUE NA REGIÃO SUL DO BRASIL DE 2001 A 2017. Cogitare Enferm [Internet]. 2018 Oct 16;23(3). Available from: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/53782>

Fomento

O trabalho teve a concessão de Bolsa pelo PROSUC - Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior, da CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.